

Estratégias de socialização de colégios católicos do Rio de Janeiro durante os anos 1920/1950

Miriam Waidenfeld Chaves*

Resumo: Durante os anos 1920/1950 as propostas em torno do desenvolvimento nacional brasileiro encontravam-se diretamente atreladas ao debate educacional que, por sua vez, não poderia ser concebido sem a contribuição do pensamento católico produzido por seus intelectuais. Nesse sentido, este texto tem como objetivo mostrar de que modo três dos mais tradicionais colégios católicos do Rio de Janeiro produziram um certo *ethos* educacional que, sem sombra de dúvidas, permeou a formação de parcela significativa de nossa elite durante o período investigado. Ou seja, pretende-se salientar que para esses colégios as formas de transmissão dos conhecimentos de ordem cognitiva e as estratégias de socialização constituíam-se mutuamente visando à formação de uma identidade estudantil que estivesse em acordo com os princípios educacionais das escolas em pauta. As revistas escolares escritas e produzidas por seus reitores, professores ou alunos são a fonte privilegiada deste estudo. Através desta investigação é possível perceber que comportamentos e atitudes eram valorizados pela educação escolar católica da época que a partir dessa ação pretendia influenciar a própria formação da cultura nacional.

Palavras-chave: Escolas católicas, estratégias de socialização, *ethos* educacional.

Socialization strategies at Catholic schools in Rio de Janeiro during the 1920s-1950s

Abstract: During the 1920s-1950s all the efforts towards national development in Brazil were closely linked to the debate about education. The latter, on its turn, was conceived of and fostered by the Catholic mindset of the intellectuals of the time. This study aims to discuss how three of the most traditional Catholic schools in Rio de Janeiro produced a certain educational *ethos* which, without any trace of doubt, permeated the education of a significant percentage of the Brazilian elite of that time. This study also highlights that for these schools, cognitive knowledge transmission and socialization strategies were mutually connected with respect to the construction of the students' identity upon the educational principles subscribed to by the referred schools. The schools' journals written and produced by the headmasters, teachers and/or students constitute a rich source of information for this study. This investigation also promotes the understanding of the behaviors and attitudes that were valued by the Catholic educational system as a way of shaping the national culture.

Key-words: Catholic schools, socialization strategies, educacional *ethos*

A Igreja tem desempenhado um importante papel no campo cultural da sociedade brasileira, principalmente durante os anos 1920/1950, período em que os projetos de desenvolvimento nacional encontram-se intimamente ligados às propostas educacionais. Seus

* Professora da Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio de Janeiro
Doutora em História da Educação/Puc-RJ.

estabelecimentos de ensino, responsáveis pela formação de parcela significativa de nossas elites tanto econômica quanto intelectual, podem ser compreendidos como genuínos espaços de fermentação e disseminação de certos valores, comportamentos e atitudes que, segundo seus dirigentes, deveriam fundamentar a nossa cultura nacional.

Nesse sentido, apesar de a Igreja encontrar-se diretamente ligada às questões supra-rationais – a fé –, enquanto uma instituição social como outra qualquer, teria como objetivo a sua preservação, com base na defesa de seus interesses sociais (p. 27). Sua pedagogia educacional poderia, então, ser entendida como um trabalho de formação de um certo tipo de *habitus* (BOURDIEU, 1989, p. 59), cujo efeito deveria acarretar a produção e reprodução dos valores, comportamentos e atitudes por ela preconizados.

Portanto, se as escolas selecionadas para esta análise são centenárias, suas histórias encontram-se atravessadas por essa questão. Constituem-se enquanto um *locus* privilegiado de análise desse tipo de pensamento que, em última instância, objetiva a fabricação de um ideal pedagógico que esteja em sintonia com a visão de mundo e de homem do cristianismo católico.

Este texto, com base nas afirmações acima, divide-se em duas partes. Enquanto na primeira tem-se como objetivo discutir as razões pelas quais os colégios aqui selecionados se posicionam como um grupo de escolas à parte das demais escolas da cidade, na segunda procura-se ressaltar algumas estratégias de socialização utilizadas por essas escolas e que se fixariam por meio de uma auto-percepção que combina tradição, autoridade e influência.

1. Uma “educação total”: as razões da superioridade social e moral

A ação pedagógica dos colégios católicos remonta ao século XIX. Suas congregações religiosas, muitas vezes, já fixadas em solo brasileiro desde os tempos da colônia, iniciam um trabalho de escolarização preconizado pelo próprio Estado na medida em que se defendia a idéia de que o desenvolvimento nacional só seria alcançado por meio do desenvolvimento educacional.

Entretanto, seu público alvo encontra-se em nossas elites. Acreditavam que por meio de sua educação poderiam influenciar a sociedade que a partir do advento da república se laiciza, afastando-se cada vez mais dos princípios cristãos. O acirramento das disputas ideológicas, o aumento da população livre devido ao fim da escravidão e a concorrência cada vez maior com outras religiões dão margem para que suas escolas se tornem importantes

espaços de produção e disseminação de sua filosofia, contribuindo, sobremaneira, para a manutenção da própria Igreja em uma posição privilegiada no jogo pelo poder.

A “educação total” será uma das armas utilizadas por estes estabelecimentos de ensino. Com o intuito de formar uma nova geração através de mecanismos duradouros de inculcação, os colégios católicos passam a oferecer para aqueles que ali se encontram capital intelectual, capital moral e capital social.

Este modelo de educação ao fomentar modos de perceber o mundo e de se relacionar, também se ancoram na similitude que deve existir entre as propriedades sociais das famílias dos alunos e o tipo de socialização escolar efetivado pelos colégios católicos (PEROSA, 2008, p. 65). Ao mesmo tempo em que reforçam os valores familiares se transformam em competentes espaços de sociabilidade que têm como objetivo manter por meio de um tempo integral o controle sobre a vida de seus alunos (FERGUER, 1997, p. 24).

Os métodos de transmissão de conhecimentos de ordem cognitiva utilizados, a educação de modos de comportamento, um público escolar oriundo de famílias de dirigentes e o fato de pertencerem a mais pura linhagem dos colégios católicos garantem a posição de destaque desses estabelecimentos de ensino em relação às demais escolas da cidade. Contribuem para a reprodução de sua situação privilegiada no conjunto das instituições educacionais da cidade.

Esta distinção ainda se constrói com base na homogeneidade dos próprios colégios e, por conseguinte, de seu público. A crença nos valores cristãos, a observância de regras comuns e o mesmo estilo de vida permitem que se perpetue um sentimento de superioridade tanto social quanto moral nesse grupo restrito de colégios. Possibilita até mesmo que aqueles que neles estudam se auto-percebam e também sejam reconhecidos como membros de uma “boa sociedade” (ELIAS, 2000).

Este sentimento já anteriormente forjado nas famílias e reproduzido pelos colégios católicos ao reforçar aprendizagens de maneiras de ser, constituídas a partir de afinidades entre iguais, determinaria, inclusive, que seu público se subjugasse a certos padrões específicos de controle do afeto (p. 26).

Entretanto, apesar da homogeneidade do grupo que compõe os colégios católicos, estes se organizam de maneira heterogênea, segundo as convicções e a posição social de cada congregação, pressupondo, conseqüentemente, uma operacionalização também variada do capital tanto intelectual quanto moral e social. Além disso, o projeto de futuro das famílias que tem seus filhos nessas escolas também varia em função dos diversos elementos

associados à classe social de origem da família: capital econômico, capital social, trajetória familiar etc. (PAIXÃO, 2007, p. 236).

Além desse aspecto, esse modelo de educação se encontra centrado em um “senso de responsabilidade” e em uma “dedicação aos outros” (p. 33) que permitem a assimilação de certas qualidades intrínsecas necessárias para a aquisição de um determinado sentimento de superioridade. O escotismo, os retiros espirituais e a prática do assistencialismo tratam de desenvolver algumas daquelas habilidades.

A transmissão dos conhecimentos de ordem cognitiva juntamente com a prática do esporte também contribuem para essa formação. Ultrapassam os espaços da simples sala de aula por meio da constituição nas escolas de “Clubes Literários”, “Academias de Arte”, torneios esportivos, viagens e passeios pedagógicos. Garantem que lazer e trabalho intelectual, brincadeira e estudo estejam amplamente conectados, criando um certo gosto (BOURDIEU, 2007) que acaba por desconsiderar *todas as formas (consideradas em determinado momento como) inferiores da atividade intelectual (ou artística)*... (p. 460). Isto é, estas práticas procuram preservar um gosto ou um estilo de vida que se vê mais facilmente perpetuado na medida em que desenvolvem laços de amizade e redes de sociabilidade que se mantêm mesmo após a dissolução da etapa escolar. As associações de ex-alunos é um exemplo bastante rico. Compõem um dos métodos mais eficientes de perpetuação de um estilo de vida (FERGUER, 1997, p. 11).

Suas revistas, anuários ou boletins ao estamparem as notícias – casamentos, nascimentos, prêmios, condecorações e promoções alcançadas – sobre as posições sociais atuais dos antigos alunos, indicando-os enquanto pertencentes à “boa sociedade”, apenas confirmam o próprio augúrio que a educação desses colégios lhes reservava.

2. A reprodução da distinção

Se a Igreja durante séculos garantiu para si o monopólio do ensino - nas escolas paroquiais mais tarde pequenas escolas, nos colégios e nas universidades -, transformando-se em um verdadeiro centro de produção e disseminação de cultura e de progresso material, a Encíclica consagrada à educação dos jovens cristãos, editada em 1929, por Pio XI, proclamando a necessidade de a Igreja e o Estado se encontrarem unidos pela educação confirma esta trajetória (FOULQUIÉ, 1957).

Seus colégios ao se estruturarem segundo as determinações da alta hierarquia católica transformam-se em fiéis divulgadores de seu projeto pedagógico. Ancorados pela história, cada um deles, entretanto, traça seu próprio caminho.

A presença dos jesuítas no Brasil data de 1567, ano em que criam o Colégio dos Jesuítas, tendo o padre Manoel da Nóbrega como seu primeiro reitor. São expulsos do Brasil em 1759, retornam em 1814, mas apenas em julho de 1903, em Botafogo, bairro da zona sul, onde começa a funcionar o Externato Santo Inácio. No ano de 1943, passa a se chamar Colégio Santo Inácio e em 1956 é criado o Curso Primário.

A chegada dos beneditinos ao Rio de Janeiro confunde-se com a história da cidade. Também desenvolvem um trabalho de catequese e em 1858 fundam o Colégio de São Bento em uma região central onde a própria cidade teve sua origem.

Inicia um regime de internato, que é mantido até 1922 e em 1928 o colégio passa a admitir alunos em tempo integral.

Os maristas fixam-se no Rio de Janeiro em 1735, inaugurando o Seminário Diocesano de São José, próprio para a carreira eclesiástica. Em 1881, o Curso Preparatório para o Seminário, transfere-se para o Rio Cumprido, tradicional bairro da zona norte, e é equiparado ao Ginásio Nacional.

Em 1902, o tradicional educandário passa a obedecer à orientação pedagógica dos Irmãos Maristas e se tem início a sua trajetória enquanto internato e externato.

Através dessa pequena síntese, percebe-se que a história desses três colégios que compõem nosso estudo se identifica com o nascimento da própria nação, o que faz com que se auto-definam enquanto guardiões dos mais genuínos valores nacionais.

2.1 As revistas escolares: expressão de um *ethos*

A *Vitória Colegial*, publicada pelo Colégio Santo Inácio na década de 1950, A *Alvorada*, escrita pelo Colégio de São Bento nos anos de 1920/1930, e a *Echos*, editada durante a década de 1920 pelo Colégio São José, irão materializar as intenções acima expostas.

Concomitantemente, também teriam como objetivo contribuir para o desenvolvimento da vida associativa da comunidade escolar. Colaborariam com o ensino na medida em que se estimularia a escrita dos alunos que eram incentivados a desenvolver suas opiniões, argumentação e idéias através dos artigos que liam/escreviam. Por fim, funcionariam como

porta-vozes de seus mentores, numa tentativa em deixar registrado aquilo que se desejava que fosse lembrado no futuro.

Antes de iniciar a análise das revistas, cabe frisar que se as prioridades educacionais variam de escola para escola e de década para década, o que se pretende com este trabalho é apenas mostrar que, apesar das diferenças, os artigos revelariam um pouco acerca dos valores cultuados pelos colégios: tradição, autoridade e distinção, permitindo, inclusive, que esses estabelecimentos de ensino se posicionassem como um grupo superior de escolas, a parte dos demais colégios da cidade.

- **Frequência e periodicidade**

Os impressos, muitas vezes, atravessam décadas, dando uma demonstração clara de força e vigor.

A Vitória Colegial começa a ser editada na década de 1940, uma vez que o primeiro exemplar encontrado na escola refere-se ao ano de 1950, Ano X[†]. É publicada mensalmente, em uma média de seis, sete ou oito revistas anuais.

Em relação ao *A Alvorada*, Dom Lourenço, Reitor do Colégio de São Bento, em sua página na internet, faz questão de enumerar todas as publicações da escola. Afirma que existiram o “A Alvorada”, fundado em 1918 e mantido até os anos de 1960; o “Avante”, órgão da Academia Literária, dos anos 1950 e 1960; o “Jornal do S. Bento”, pertencente ao Grêmio e “O Leão”, entre outros.

Foram encontrados na biblioteca do colégio os números relativos aos anos de 1922 até 1928 e, ainda, os de 1932, 1933, 1935 e 1936 da revista *A Alvorada*. As edições são mensais ou bimensais.

Ao contrário dos demais periódicos, o *Echos* é editado anualmente[‡]. Iniciando sua publicação em 1904, os onze números disponíveis para análise referem-se aos anos de 1920 até 1930.

[†] Achavam-se na biblioteca da escola sessenta e sete exemplares referentes à década de 1950. Os números de setembro de 1950, março de 1951 e novembro de 1952 não puderam ser encontrados.

[‡] Os exemplares foram enviados pelo correio, pelo Centro de Estudos Maristas, em Belo Horizonte. k

- **Estratégias de socialização: tradição, autoridade e influência**

Das capas e contracapas já se pode confirmar os efeitos que as revistas devem causar em seus leitores. Explicitam os próprios valores que os colégios desejam fixar em seu público escolar: tradição, autoridade e influência.

As da revista *Echos* até 1923 são inspiradas em pinturas antigas, com desenhos de flores, folhas de parreiras e colunas de mármore que servem para emoldurar o desenho da capa que, ainda, contém o nome do periódico e do colégio escrito em letras góticas. Já as capas dos anos seguintes enquanto no alto da página mantém as flores, as folhas e os nomes da revista e da escola em letras desenhadas, abaixo passa a existir uma foto imponente da escola ou dos alunos à frente dela.

A sobriedade é o princípio que caracteriza as próximas páginas introdutórias, tratando, inclusive, de chamar a atenção para a linhagem da escola: na primeira, à esquerda, dentro de um pergaminho desenhado, encontra-se escrito em uma “respeitosa homenagem” ou “affectueux hommage” os nomes dos Bispos e Arcebispos do Rio de Janeiro e da alta hierarquia marista – congregação que dirige o Colégio São José – . À direita da mesma página a foto de Sua Santidade o Papa Pio XI. Na seguinte tem-se a foto de D Joaquim Arcoverde e na terceira delas a figura de Dom Sebastião Leme e demais autoridades católicas.

As capas da *A Alvorada* também podem ser analisadas como símbolo de tradição e autoridade. Principalmente as dos anos 1935 e 1936 demonstram a forma excepcional como o colégio se auto-percebe: nelas é estampado um desenho da escola sobre nuvens e logo abaixo, ao que tudo indica, um outro da igreja e do mosteiro. Este todo se encontra envolto a uma coroa de louro, onde no alto se lê em latim *Veritati et Virtuti*. Abaixo, um pergaminho, servindo de base, tem à esquerda, um tinteiro e uma pena e, à direita, um globo terrestre. Ao pé da página ainda há desenhado o símbolo da escola sobre a inscrição “Órgão Oficial do Ginásio de S. Bento”, Rio de Janeiro, Brasil, desejando mostrar que a revista tem o aval da direção do colégio.

Em contraposição a este estilo, as capas da *A Vitória Colegial*, apesar de resguardarem certos elementos religiosos, tais como a presença, em **close**, de Cristo, Nossa Senhora e Santo Inácio, em sua maioria são compostas por fotografias dos próprios alunos, seu principal personagem. Ainda que raro, em outras já aparece o nosso índio e também crianças negras, num claro reconhecimento de que o mundo também é composto por outros povos. Na contracapa, o nome do impresso ao alto, abaixo o dizer “Periódico dos alunos do Colégio Santo Inácio”, o endereço da escola, o diretor responsável e o vice-diretor – padres -,

demonstram que, apesar de a revista ser “dos alunos”, a direção do colégio é que tem as suas rédeas.

Estes expedientes de forma variada não só ligam os impressos às escolas e as suas respectivas ordens religiosas como, também, as engrandecem. A utilização de Cristo, Nossa Senhora, o latim, a coroa de louro e as folhas de parreira, por exemplo, expressam as bases em que se assentam os valores cultuados pelos colégios. Funcionam, portanto, como uma forma de fixar visualmente as suas próprias raízes.

Outro aspecto relevante das capas ou contra-capas é que todas elas de forma diferenciada exibem o controle da direção sobre as revistas. Com o intuito de preservar sua autoridade sobre o que é produzido em seu interior, os dirigentes dos colégios fazem questão de explicitar seu poder ostentando em sua contra-capa o nome e as fotos de toda a hierarquia religiosa, colocando os padres nos cargos de “diretor” e “vice-diretor” em uma revista que se define como um “periódico de alunos” ou simplesmente acrescentando o termo “oficial” à inscrição “Órgão Oficial do Colégio de São Bento.

O passado dos colégios, suas histórias e origens, ao investi-los de autoridade, os fixam enquanto instituições de ensino exemplares que têm as suas forças constituídas em sua própria tradição. Portanto, os artigos sobre os fundadores dos colégios e das respectivas congregações funcionariam como uma forma de enaltecer essa posição de exceção. “Beatificação do Padre Champagnat”, publicado na *Echos* de 1920, “São Bento – adolescente”, escrito para a edição de março de 1923 da “*A Alvorada*, e “Anchieta na fundação do Rio de Janeiro”, de junho de 1956 para “*A Vitória Colegial*” mostram que esses homens santos encontram-se ligados aos seus respectivos colégio através de sua origem e que por esta razão os alunos deveriam se sentir orgulhosos, já que teriam tão ilustres antepassados compondo a história de seu colégio.

“A origem do teatro”, “A poesia brasileira antes do Romantismo” e “Paginas filosóficas” publicados na revista *A Alvorada* e “Beethoven”, “O teatro”, “Machado de Assis” e o “O gênio de Leonardo da Vinci” escritos para *A Vitória Colegial* demonstram o quanto certo conhecimento dito “desinteressado” compunha o universo educacional do autor/leitor dos impressos das escolas católicas investigadas. Confirmam a necessidade de se manter a tradição sobre um tipo de educação que privilegiasse uma certa erudição necessária à elite dirigente católica.

As três revistas ainda fazem questão de manter o seu quadro de honra. Ali se encontra inscrito o nome, a média e a foto, dos melhores alunos e, também, daqueles que com sucesso entraram para a universidade ou Escola Naval.

“Panthéon”, “Quadro de Honra” e “Guarda de Honra” são respectivamente as colunas das revistas *Echos*, *A Alvorada* e *A Vitória Colegial*. Responsáveis por dar visibilidade aos melhores alunos, estes espaços ao mesmo tempo em que enaltecem os estudantes que cumpriram com os seus deveres, diferenciando-os dos demais e fazendo-os se sentirem orgulhosos de si, também tem a função de influenciar os demais alunos fazendo-os se inspirarem nesses mesmos comportamentos

Estes exemplos mostram que a educação desses colégios implica mais do que a simples instrução. Pressupõe a formação intelectual, cultural e espiritual necessária para garantir de modo eficaz a “educação total” das elites católicas que, desse modo, estariam aptas para alcançar os altos dos postos da sociedade brasileira e influenciá-la de acordo com os valores defendidos pela nossa Igreja.

Referências bibliográficas

- . BOURDIEU, P. *A distinção*. São Paulo, Edusp, 2007.
- . ----- . *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- . ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- . FERGUER, Jean-Pierre. Os efeitos de uma “educação total”: um colégio jesuíta, 1960. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 18, n. 58, pp. 9-53, 1997.
- . FOULQUIÉ, Paul. *A Igreja e a educação*. Rio de Janeiro, Agir, 1957.
- . MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 2004.
- . PAIXÃO, Lea Pinheiro. Socialização a escola. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro & ZAGO, Nadir (orgs). *Sociologia da Educação. Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 2007.
- . PEROSA, Graziela. Educação diferenciada e trajetórias profissionais femininas. *Tempo Social*, vol. 20, n. 1, pp. 51-68, 2008.